

al.ama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#25 (tomo 1) Jan. 2022

ARTE PALEOLÍTICA EM AMBIENTE GRANÍTICO NO VALE DO CÔA

6

19

**Porcelana chinesa
de Santa Clara-a-Velha**

**Os grafitos molinológicos
como objecto de estudo
etnoarqueológico**

**A ponte medieval do
Burgo de Vouga**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

Santuário Rupestre da Rua Marechal Teixeira Rebelo (Vila Real)

uma evidência da ocupação proto-histórica na malha urbana antiga da cidade

Gerardo Vidal Gonçalves ¹

INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico “Santuário Rupestre da rua Marechal Teixeira Rebelo”, localizado no centro histórico de Vila Real e conhecido, localmente, com a designação de “Penedo do Macaquinho” é, na sua essência, um local de interesse arqueológico, inventariado pela Direção Geral do Património Cultural com o n.º 39320 (processo S-39320).

O local foi documentado, pela primeira vez, pelo Padre João PARENTE (2018: 40 e 43) e apresentado no IV Congresso Internacional “Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens, Pessoas”, que decorreu em junho de 2017, em comunicação com o título “Santuário Rupestre no Coração de Vila Real”, da autoria da Dr.ª Rita Melo (trabalho não publicado).

O sítio localiza-se no cruzamento das coordenadas geográficas 41° 17' 50.1" N (41.297261) e 7° 44' 51.7" W (-7.747680), datum WGS84, a uma cota aproximada de 450 metros a.n.m. e representa, indubitavelmente, um local arqueológico integrado na tipologia de “Santuário Rupestre”.

Com o decorrer do tempo, o santuário rupestre da rua Marechal Teixeira Rebelo foi alvo de diversos processos de destruição e degradação, bastante visíveis e evidentes na atualidade. A construção da própria rua Marechal Teixeira Rebelo terá afetado, definitivamente, a parte ocidental do sítio arqueológico ¹, impedindo, para sempre, a compreensão mais ou menos integral do local e da

¹ Os trabalhos de levantamento e limpeza identificaram a destruição/seccionamento, em época indeterminada, de parte de um tanque (T2; Fig. 7) integrado no santuário.

RESUMO

O autor procura ilustrar, caracterizar e descrever o Santuário Rupestre da rua Marechal Teixeira Rebelo, localizado no centro histórico de Vila Real, que, apesar de ser um dos raros, se não o único indício arqueológico da ocupação pré-romana na atual malha urbana da cidade, tem tido pouca visibilidade na literatura arqueológica portuguesa e espanhola. Para o efeito, recorre à metodologia de registo arqueológico convencional, mas também à fotogrametria e a outras técnicas de representação multidimensional e modelação.

PALAVRAS CHAVE: Proto-História; Fotogrametria; Metodologia.

ABSTRACT

The author attempts to illustrate, characterise and describe the Rock Art Sanctuary of the Rua Marechal Teixeira Rebelo street in the historic centre of Vila Real. Despite being one of the rare archaeological traces of pre-Roman occupation within the present urban perimeter of the city (albeit the only one), it has had little visibility in Portuguese and Spanish archaeological literature. In order to do so, he uses conventional archaeological record methodology, as well as photogrammetry and other multidimensional and modulation representation techniques.

KEY WORDS: Proto-History; Photogrammetry; Methodology.

RÉSUMÉ

L'auteur cherche à illustrer, caractériser et décrire le Sanctuaire Rupestre de la Rue Marechal Teixeira Rebelo, situé dans le centre historique de Vila Real, qui, bien qu'il soit l'un des rares, sinon l'unique indice archéologique de l'occupation préromaine dans l'actuel maillage urbain de la ville, a eu peu de visibilité dans la littérature archéologique portugaise et espagnole. Pour ce faire, il a recours à la méthodologie d'inventaire archéologique traditionnelle mais également à la photogrammétrie et autres techniques de représentation pluridimensionnelle et modélisation.

MOTS CLÉS: Protohistoire; Photogrammétrie; Méthodologie.

¹ CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Universidade de Évora / Associação de História e Arqueologia de Sabrosa (gerardo@uevora.pt).

Por opção do autor, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

sua verdadeira dimensão. Para Oriente, o local encontra-se aparentemente protegido pelo muro que delimita as antigas hortas e terrenos agrícolas do Convento de São Domingos da rua Marechal Teixeira Rebelo. Por outro lado, as obras de requalificação urbana realizadas já no ano de 2021, no âmbito do PEDU (*Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano de Vila Real*), afetaram completamente os possíveis contextos arqueológicos que pudessem conservar-se no subsolo, na envolvente do local. Durante os trabalhos de registo arqueológico, desenho e fotografia realizados para o presente trabalho, foi possível ainda verificar algumas áreas do santuário afetadas pela atividade de equipamentos e máquinas escavadoras.

No essencial, os santuários rupestres pré-romanos são elementos de carácter antrópico cuja interpretação é bastante dificultada devido à escassez ou inexistência aparente de vestígios arqueológicos artefactuais, estratigráficos ou outros análogos no seu entorno. Estes espaços, geralmente envoltos em polémicas e discrepâncias argumentativas, foram, durante muitíssimo tempo, relegados para um campo pouco apetecível, a nível de investigação sistemática e séria, do panorama arqueológico europeu. Na verdade, são raros, raríssimos, os locais arqueológicos designados, comumente, como santuários rupestres que tenham sido alvo de intervenções arqueológicas sistemáticas e abrangentes.

Naturalmente, a escassez de estudos aprofundados sobre este tipo de estruturas arqueológicas dificultou e continua a dificultar a sua compreensão e integração cronológica e cultural. Este pressuposto terá sido já alvo de reflexão por parte de diversos investigadores (CORREIA DOS SANTOS, 2015; CALADO, 1996; BENITO DEL REY e GRANDE DEL RIO, 1994).

Apesar de todos os esforços realizados no sentido de dissipar a mera especulação sobre a questão sacrificial deste tipo de estruturas, a verdade é que, devido a alguns dos aspetos já referidos em parágrafos anteriores, a tarefa tem-se mostrado complicada e complexa. Parece, no entanto, consensual, que este tipo de estruturas simbólicas se enquadram num momento alargado da Proto-História da Península Ibérica, um tempo onde os denominados povos ou comunidades vindas do centro da Europa ocuparam o espaço peninsular, o tempo das tribos Protoindo-Europeias ou Indo-Europeias, dos Iberos, Celtiberos, Celtas, Vetões, Equesos, Galaicos, entre outros. Algumas destas comunidades e grupos habitaram ainda a Península Ibérica durante a conquista romana e os seus cultos, como atesta o caso do Santuário de Panoias, foram assimiláveis pelos romanos e atesta-se uma coabitação ou coexistência.

Não é objetivo deste trabalho abordar a temática dos santuários rupestres, os seus contextos, a difusão na Península Ibérica, a morfologia, nem a sua problemática crono-cultural. Trata-se de um tema imensamente abrangente e diversificado, com muitíssimos matizes e lacunas e cuja dispersão e distribuição espacial são, verdadeiramente, gigantescas (Fig. 2).

OS SANTUÁRIOS RUPESTRES

O homem, ao longo de toda a sua existência e evolução, reservou sempre um espaço, seja ele interior, material ou imaterial, para se poder comunicar com os seus deuses. Como bem refere Maria João Delgado Correia dos Santos, na sua tese de doutoramento², um santuário é um local demarcado do mundo profano, um local onde convivem homens e deuses.

Estes locais encontram-se, naturalmente, em perfeita harmonia com a paisagem e com o entorno, seja ele natural, social ou humano. Numa estela ou pedra denominada “Inscrição de Vercelli”, é bastante significativa a ideia de que um santuário é um local comum a homens e deuses (Fig. 1).

Na verdade, na Península Ibérica existem, identificados, um número bastante significativo deste tipo de locais sagrados e, no essencial, as suas

² “Un santuario es un lugar demarcado del mundo profano, un lugar común a los dioses y a los hombres” (CORREIA DOS SANTOS, 2015: 7). Fica ainda registada a frase “*Communem deis et hominibus*”, inscrita na famosa pedra ou inscrição, em duas línguas, de Vercelli, no norte da Itália, entre Milão e Turim, a qual delimitaria, certamente, um espaço sagrado (LEJEUNE, 1977: 590).



FIG. 1 – Pedra de Vercelli (redesenhada a partir de LEJEUNE, 1977: 590).

características morfológicas estão determinadas pela presença de elementos que, na sua grande maioria, se repetem de forma bastante clara e evidente. De entre os elementos antrópicos que mais se repetem neste tipo de locais arqueológicos destacam-se as covas ou concavidades e as escadarias escavadas na rocha, os designados estribos, as plataformas e, evidentemente, as chamadas lagaretas interligadas por pequenos canais ou canalizações, também escavadas na rocha. Outros elementos menos comuns também se podem encontrar neste tipo de sítios: inscrições, petróglifos, pedomorfos, serpentiformes, entre outros. Num dos últimos trabalhos mais relevantes sobre este tema, Maria João Delgado CORREIA DOS SANTOS (2015) identificou e cartografou (Fig. 2) cerca de 128 sítios arqueológicos enquadrados nesta tipologia, na Península Ibérica, criando, para o efeito, várias tipologias de referência, baseadas, sobretudo, nas características formais e morfológicas de cada um dos sítios.

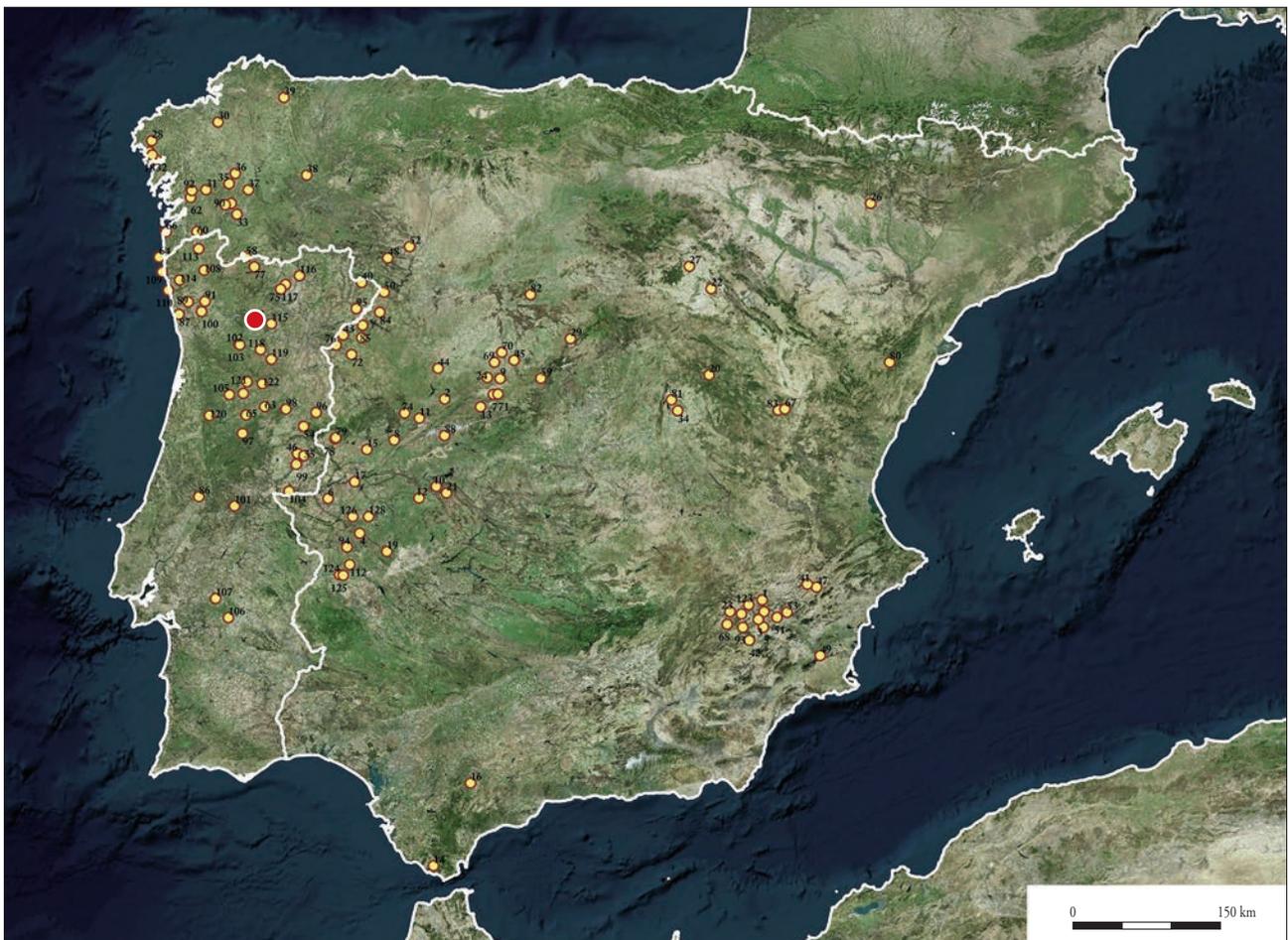
Apesar de ser um tema interessantíssimo, as dificuldades interpretativas são, no geral, enormes. Ainda nos parece pertinente concordar, na plenitude, com as problemáticas e as reflexões desenvolvidas durante os últimos 30 anos sobre este tema (BENITO DEL REY, AUGUSTO BERNARDO e SÁNCHEZ RODRIGUEZ, 2003). Em particular, a problemática da consolidação de interpretações sólidas sobre o que é natural ou antrópico. Alguns dos locais referenciados como santuários rupestres

possuem elementos aparentemente antrópicos que são, em alguns casos, apontados como elementos naturais, produto da erosão, alterações magmáticas, temperaturas elevadas ou baixas, ou de manufatura mais contemporânea. No entanto, existem associações bastante suspeitas entre estes elementos (covas, covinhas, concavidades e entalhes), mais conotadas com fatores geológicos, ambientais ou outros, e estruturas arqueológicas onde estes elementos convivem, naturalmente, com escadarias escavadas no granito, estribos, serpentiformes, inscrições, entre outros.

A designação Santuário Rupestre é complexa e diversificada. No entanto, a inexplicabilidade funcional de alguns dos elementos que fazem parte da arquitetura deste tipo de sítios arqueológicos, aparentemente, deixa a porta aberta para a classificação destes locais nos domínios do simbólico e do transcendental.

O culto praticado no seio dos grupos humanos pré-romanos, sem que, evidentemente, possamos ou tenhamos que recuar demasiado, levanta-nos diversas questões importantíssimas. Este tipo de sítios, na maior parte dos casos construídos em locais ermos, fora dos atuais centros urbanos e dos centros urbanos de uma Roma ibérica, pressu-

FIG. 2 – Mapa dos santuários rupestres na Península Ibérica, adaptado de CORREIA DOS SANTOS, 2015.



põem, em parte, cultos ou rituais de origem evidentemente pagã. No entanto, existem também santuários rupestres no interior de aldeias, próximos de cidades e em articulação com acidentes naturais ou contextos geológicos de grande envergadura.

No mapa da Fig. 3 podemos observar, no essencial, a distribuição espacial de cerca de 56 sítios arqueológicos no interior das fronteiras atuais do território português, cujas características específicas constituem um elemento aglutinador na hora de classificar este tipo de locais simbólicos.

No entanto, como já foi referido, não existem projetos de escavação sistemáticos que nos permitam alargar o conhecimento sobre os mesmos. No caso específico sobre o qual aqui nos debruçamos, isto é, o santuário rupestre da rua Marechal Teixeira Rebelo, em Vila Real, a situação ainda é bastante mais complexa e incompreensível: tendo existido um projeto de requalificação urbana em 2021 (PEDU de Vila Real), o qual afetou diretamente os possíveis contextos arqueológicos do sítio, não foi implementada qualquer ação preventiva que implicasse, no mínimo, uma sondagem arqueológica de diagnóstico no local³.

³ A Direção Geral do Património Cultural / Direção Regional de Cultura do Norte, compreendendo a importância do local e a imperiosa necessidade de o proteger, inventariar e classificar, instaurou um processo de inventariação, atribuindo ao processo a ref.^a S-39320.

Na literatura, apesar de ser um local sem qualquer projeto arqueológico relevante, o Santuário Rupestre de Panoias, um marco emblemático para a análise tipológica dos diversos santuários rupestres, é utilizado, de forma mais ou menos unânime, como elemento de comparação ou tipificação para a análise dos restantes santuários rupestres (santuários “tipo Panoias”) (CALADO, 1996: 103; CORREIA DOS SANTOS, 2015: 18). Já José Leite de Vasconcellos, na última década do século XIX, chamaria a atenção para duas coisas relevantes sobre Panoias: a necessidade de garantir a preservação do sítio arqueológico (fê-lo por duas vezes) e a imperiosa importância do local e do seu estudo (VASCONCELLOS, 1897: 1). O Santuário Rupestre da rua Marechal Teixeira Rebelo, em Vila Real, dista, então, cerca de 9,6 km para Noroeste do sítio arqueológico de Panoias.

No caso do território português, os designados santuários rupestres encontram-se distribuídos sobretudo pelo Norte e centro, sendo que se verificam diversos sítios no centro e sul do país. De entre os casos mais emblemáticos e imponentes destacam-se, naturalmente, o caso do Santuário de Panoias,



FIG. 3 – Mapa dos diversos santuários rupestres em Portugal, com indicação, a vermelho, do Santuário Rupestre da rua Marechal Teixeira Rebelo, no centro “histórico” de Vila Real.

Adaptado de CORREIA DOS SANTOS, 2015.

N.º de Inv.	Designação	Tipo	N.º de Inv.	Designação	Tipo
8	Paneira	-	47	Monte da Saia	-
9	Altarico	-	48	Monte do Facho	-
11	Rocha da Mina	-	49	Penedo dos Sinais	-
12	Penha das Casicas	-	50	Fonte da Tigela	-
13	Fraga da Serpente	-	50	Fraga do Puio	-
13	Santo Albino	-	51	Cabeço das Fraguas	B3
14	Castelos de Cabriz	-	51	Rocha das Ferraduras	-
14	São João das Arribas	-	52	Penedo das Ninfas	B3
15	Altar de São João	-	53	Malaguarda	B3
15	Mau Vizinho	-	53	Mogueira	B3
16	Carmona	-	54	Castro dos Três Rios	B3
16	São Pedro	-	54	Couto da Espanhola	-
17	Monte Redondo	-	55	Alto de São Bento	-
17	Pedra da Escada	-	56	Pedra das Gannelas	-
18	Castelo do Carlão	-	57	Chá da Rapada	-
19	Castro de Bouçoães	-	58	Santo Antão	-
20	Caldeirão do Diabo	-	59	Santa Luzia	-
21	Cadeira do Rei	-	60	Figueiró	-
22	Cu da Moira	-	61	Penedo da Moura	-
23	Assento do Rei Mouro	-	62	Botelhinha	-
33	Monsanto	A1	63	Lampaça	-
34	Quinta do Boco	A1	64	Alto das Muradelhas	-
37	Cadeiral Romano	A2	65	Calcário	-
38	Cadeirão da Q ^{ta} do Pé do Coelho	A2	66	Eira do Monte	-
40	Panoias	A3	67	Valeira Ferradura	-
41	Pias dos Mouros	A3	68	Outeiro das Medidas	-
42	Pena Escrita	A3	69	Castro de Vila Cova	-
46	Cadeiras dos Mouros	B	69	Castro de Vila Cova-à-Coelheira	-

o sítio de Monsanto, em Idanha-a-Nova, a Quinta do Boco, em Oliveira do Hospital, o chamado Cadeiral Romano, em Gouveia, na Guarda, o Cadeirão da Quinta do Pé do Coelho, em Vila Nova de Tazém, também em Gouveia, a Pias dos Mouros, em Algeriz, Valpaços, o sítio da Pena Escrita, em Vilar de Perdizes, Montalegre, o santuário da Cadeiras dos Mouros, em Tomar, a Fonte da Tigela, na Aldeia da Ponte, no Sabugal, o Cabeço das Fráguas, em Benespera, também no Sabugal, o Penedo das Ninfas, em Sanfins de Ferreira, Paços de Ferreira, no Porto, o sítio de Mogueira, em São Martinho de Mouros, no concelho de Resende, e o Castro de Três Rios, em Parada de Gonta, Tondela (CORREIA DOS SANTOS, 2015; PARENTE, 2018; BENITO DEL REY, AUGUSTO BERNARDO e SÁNCHEZ RODRIGUEZ, 2003).

Durante algum tempo, as linhas orientadoras que definiam as reflexões sobre os santuários rupestres pré-romanos centravam-se na utilização destas estruturas escavadas e esculpidas em afloramentos, sobretudo graníticos, no período romano, na sua fase de ocupação inicial na Península Ibérica (SILVA, 2007: 302; COLMENERO, 1993: 61).

Contudo, surgem algumas ideias sobre a possibilidade de estes santuários terem sido construídos e utilizados por grupos humanos da Península Ibérica entre os anos 750 a 200 antes de Cristo (POSAC MON, 1952; ZAPATERO e SANCHÍS, 1999). Esta última hipótese parece-nos bastante mais razoável, tendo em conta os conhecimentos atuais sobre a distribuição das tribos peninsulares, o espólio identificado em determinados locais e, sobretudo, a inexistência de manifestações artefactuais, escultóricas e arquitetónicas bem definidas e conhecidas do mundo romano na Península Ibérica. A inexistência de indícios claros (evidências na arquitetura dos locais) de atividades e processos e elementos da arquitetura romana são, do nosso ponto de vista, um fator de peso para descartar, mesmo que temporariamente, a centralidade romana neste tipo de santuários.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para o presente trabalho foram utilizados materiais e métodos que permitissem obter uma descrição pormenorizada do local arqueológico e uma completa identificação dos elementos antrópicos presentes. Nesse sentido, foi realizada uma inspeção pormenorizada ao local e implementados alguns trabalhos de limpeza superficial no afloramento. Posteriormente, realizou-se um croqui integral do sítio com indicação dos elementos antrópicos mais relevantes.

Foram ainda selecionados três pontos específicos na estrutura, no sentido de obter coordenadas geográficas que pudessem georreferenciar o local convenientemente. Foram utilizadas três máquinas fotográficas digitais para obter um registo bastante pormenorizado do local: Canon EOS 300D com objetiva intermutável Canon 18-55 mm [58 mm]; Olympus e-510 com uma objetiva intermutável Olympus 14-42 mm

[58 mm]; Canon EOS 250D com uma objetiva intermutável de 58 cm de diâmetro e EFS 18-55 mm e uma resolução máxima de 24.1 MP, com Sensor APS-C. Foi ainda usado um tripé, equipamento de desenho técnico/campo, uma mesa digitalizadora, um anel Inversor Canon 58 mm, equipamento de segurança (EPI), uma grelha de desenho não articulada e equipamento/consumíveis de armazenamento e tratamento de materiais arqueológicos, dois metros articulados e duas fitas métricas de 30 metros.

Para além dos trabalhos de desenho arqueológico, foram realizados diversos levantamentos fotogramétricos de toda a estrutura. Os modelos digitais obtidos foram comparados e complementados com a ilustração arqueológica, e foi ainda utilizada uma técnica de iluminação digital através do software de modelação *Blender*, na versão 2.90.1. Foi ainda implementado um processo digital (modelação digital) de nivelção de líquidos nos diversos tanques identificados no santuário e dos respetivos canais (Fig. 11). No entanto, para o tanque T2 este processo não foi possível, porque o mesmo tanque encontra-se seccionado quase integralmente, restando apenas a parede oriental.

Os trabalhos de registo e levantamento arqueológico ocorreram em duas fases distintas, entre os dias 20 e 25 de junho de 2021 e 2 e 8 de agosto do mesmo ano. Os trabalhos de campo foram complementados com trabalhos de tratamento gráfico, tintagem e tratamento digital da informação recolhida, e um processo de modelação digital dos dados recolhidos através da técnica de fotogrametria e digitalização multidimensional e correção fotogramétrica.

O SANTUÁRIO RUPESTRE DA RUA MARECHAL TEIXEIRA REBELO, EM VILA REAL

O sítio arqueológico “Santuário Rupestre da rua Marechal Teixeira Rebelo”, em Vila Real, é, no essencial, um afloramento granítico (penedo) de grão bastante fino e de cor clara, o qual se demarca e sobressai numa das artérias centrais da cidade, em cerca de 1,70 metros acima do nível da rua (Fig. 5).

O sítio arqueológico é, como já foi referido, limitado a Este pelo muro dos antigos terrenos agrícolas e hortas do Convento de S. Domingos⁴ e, a Oeste, é cortado integralmente pela artéria já referida. O sítio preservado tem cerca de 17 m de comprimento e uma largura máxima de 3 m, sendo que o mesmo foi interrompido (recortado / / destruído), a norte, pela construção de uma escadaria em cimento, e a Sul pela construção e implementação de uma caixa de distribuição elétrica.

Em termos gerais, o local arqueológico localiza-se, essencialmente, na parte mesial da via ou rua, ocupando o lado direito da mesma quando

⁴ Na realidade, hoje em dia, esses terrenos deram lugar a dois edifícios com garagens e cave. Um dos edifícios comporta a Direção de Finanças de Vila Real.

FIG. 4 – Ortofotomapa com a localização do sítio arqueológico.



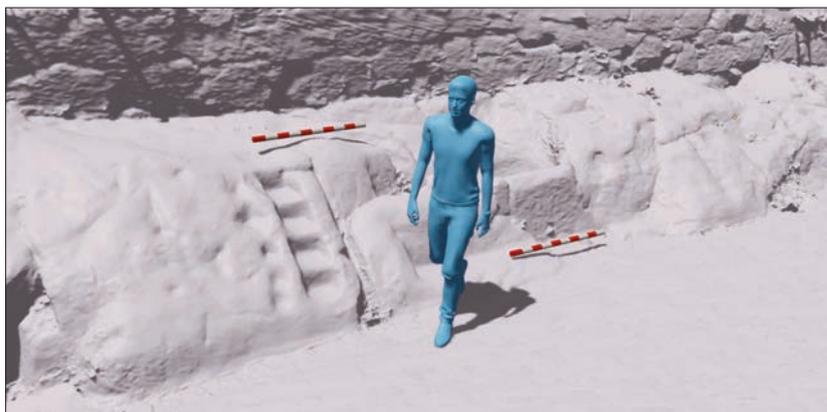
seguido o sentido da marcha do trânsito. O local foi interrompido (cortado/seccionado), a Norte, pela construção de uma escada/acesso a uma casa e a implantação de um poste de eletricidade. Verifica-se que o afloramento se prolongaria para norte, sendo, evidentemente, interrompido/desligado da estrutura a Sul pela referida escadaria em cimento.

O sítio arqueológico é bastante complexo e diversificado nos elementos escavados e esculpidos que o constituem. Do notar que o santuário se encontra em elevado estado de degradação, com muitos fungos e diversas marcas de afetação na pedra. Na Fig. 5 pode ver-se o assentamento do muro que delimita as antigas hortas do Convento de S. Domingos da rua Marechal Teixeira Rebelo mesmo na superfície do santuário, sendo que ainda é possível observar o prolongamento de alguns canais para o interior do muro e do respetivo convento.

Até ao momento, foram identificadas cerca de 46 covas/concavidades/covinhas ao longo de toda a superfície do santuário, sendo que poderão ter sido, originalmente, em maior número. A distribuição espacial destas estruturas escavadas na rocha é, à partida, mais ou menos uniforme. No entanto, encontram-se escavadas, sobretudo, em planos ligeiramente inclinados ou mesmo inclinados. As profundidades e as dimensões de cada uma destes elementos escavados variam muito, dependendo da sua posição e concentração. As covinhas maiores podem atingir os 15 a 19 cm de diâmetro e os 5 cm de profundidade, sendo que, na mesma área, localizam-se covinhas com cerca de 6 a 8 cm de diâmetro e 3 cm de profundidade.

Existem, no entanto, convinhas que parecem agrupar-se de uma forma mais ou menos simétrica e paralela, formando dois ténues arcos em planos

inclinados, como é o caso das covinhas P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P11 e P12 (Fig. 7). As restantes concavidades, algumas naturalmente enquadráveis nas designações de “estribos” por se localizarem bastante próximas das escadas rupestres e pela sua dimensão ser, no geral, bastante significativa, localizam-se dispersas pelo santuário, possivelmente associadas ou próximas de pequenos recetáculos circulares e retangulares escavados no granito, do tipo tanques, lagaretas ou contentores.



FIGS. 5 E 6 – Em cima, imagem geral do local arqueológico.

Em baixo, representação digital adaptada do sítio com modelo/escala humana (a azul, com 1,70 m de altura).

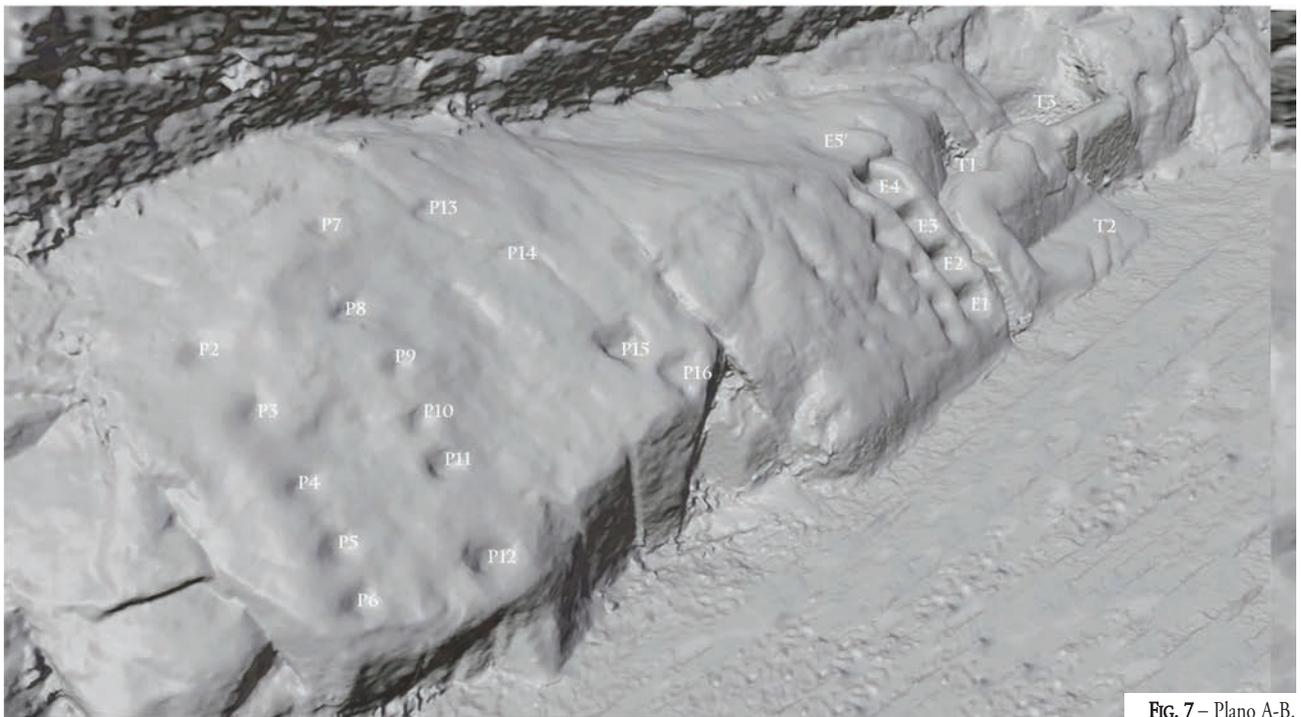
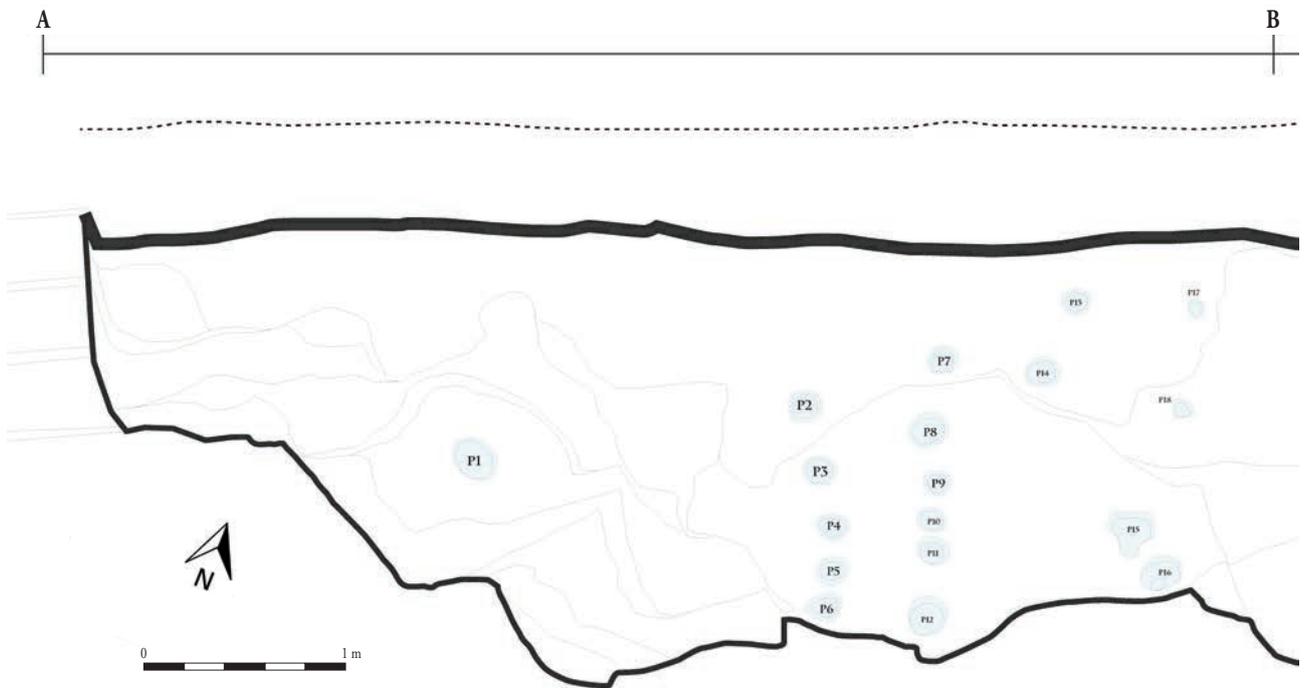


FIG. 7 – Plano A-B.

Como já foi referido, a complexidade deste local arqueológico, as limitações espaciais para o seu levantamento integral e, sobretudo, as destruições levadas a cabo durante as diversas fases ou épocas impedem ou condicionam, evidentemente, um estudo abrangente, sistemático e diversificado.

Um dos elementos relevantíssimos para a compreensão do local e que, lamentavelmente, ficou seccionado no arranque da sua estruturação, é um tanque ou estrutura de contenção de líquidos localizado na zona mesial do santuário e identificada em planta com o alfa-número T2 (Figs. 7 e 8). Trata-se do arranque de um tanque ou recetáculo para líquidos com uma largura máxima interna, na base, de cerca de 210 cm (base) e 240 cm no topo (limite interno superior). O tan-

que é ladeado, a Norte (a cerca de 40 cm), por uma escadaria constituída por quatro degraus escavados no afloramento granítico (E1, E2, E3 e E4) e uma pequena plataforma ou “altar” ligeiramente esculpido no topo da escadaria (E5’).

Identificaram-se mais cinco tanques ou lagaretas (T1, T3, T4, T5 e T6) com dimensões e profundidades variáveis. Os tanques ou lagaretas T1, T2, T3 e T4 encontram-se interligados por pequenos canais escavados no afloramento, sendo que, um deles, o canal C2, parece permitir o transporte de fluídos ou líquidos para a atual área da rua. Naturalmente que, neste caso, falta a interação de possíveis elementos já desaparecidos que justifiquem a utilidade ou funcionalidade deste canal.

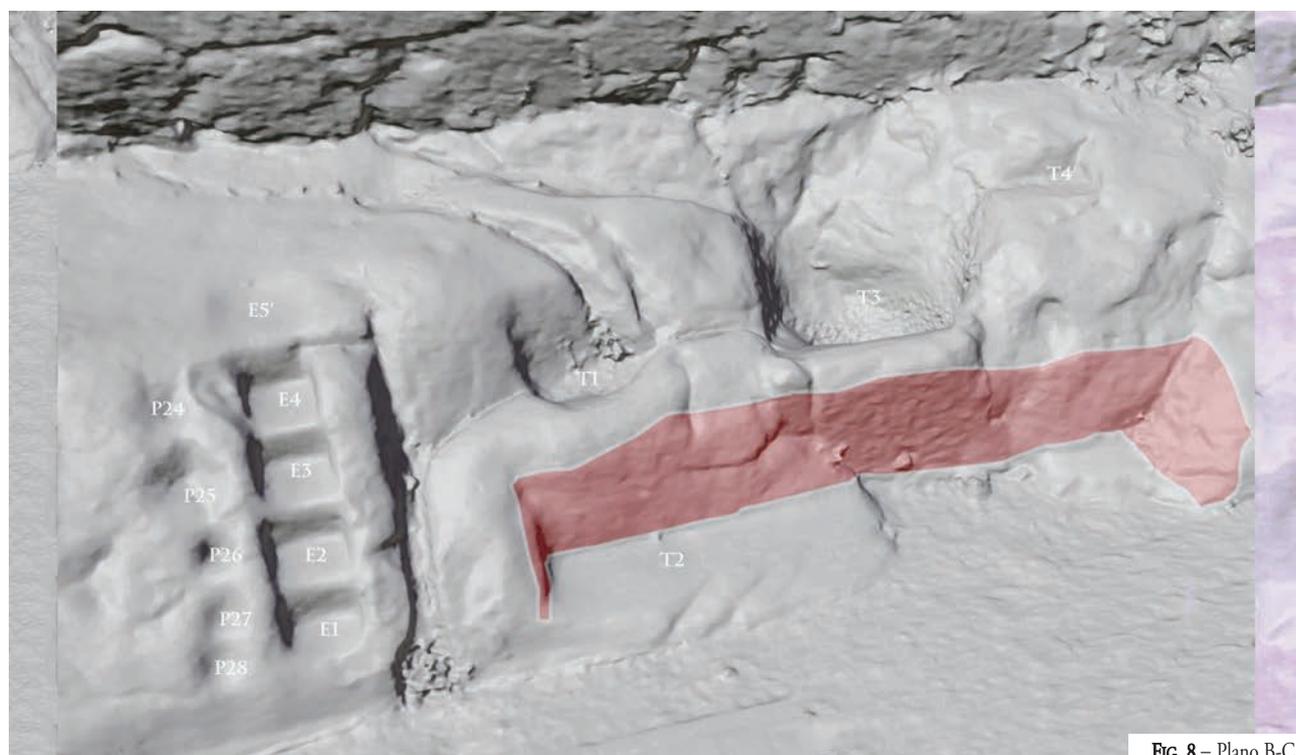
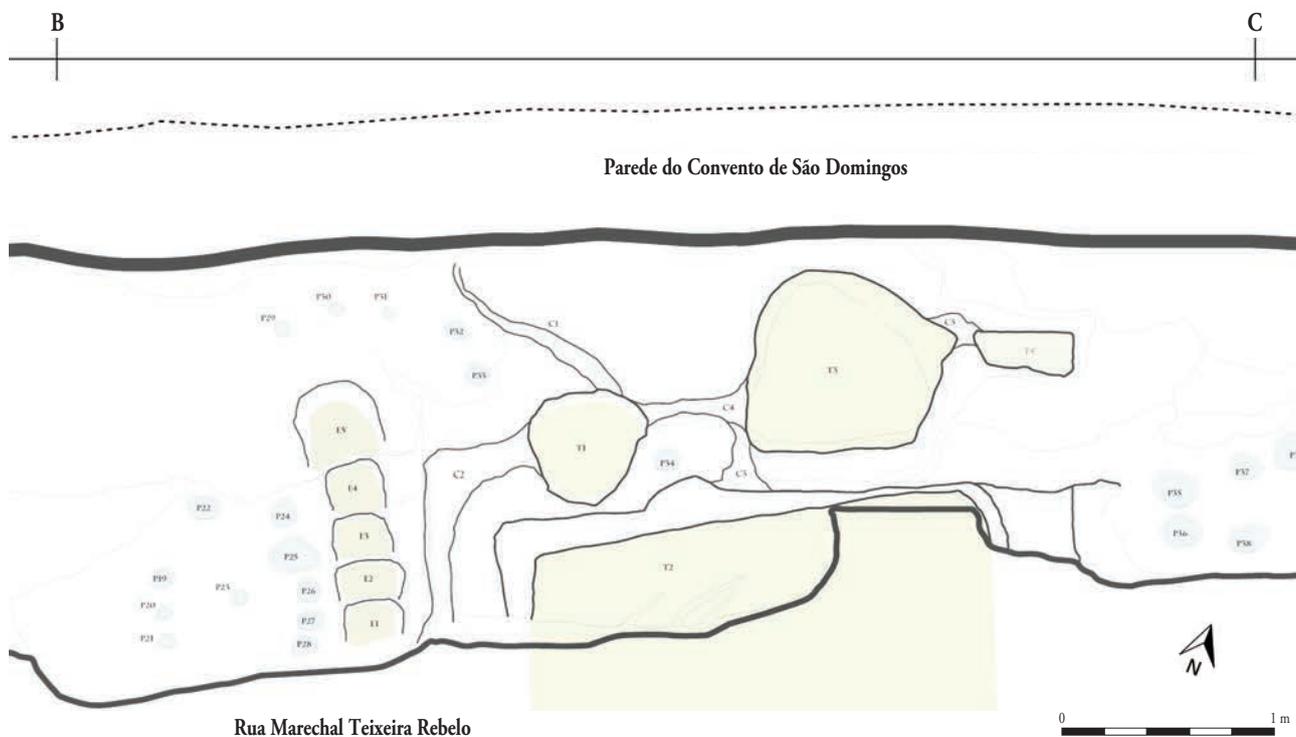


FIG. 8 – Plano B-C.

As dimensões aproximadas do tanque T3 comportam cerca de 85 por 90 cm e uma profundidade aproximada de 30 a 35 cm. O tanque T1 apresenta cerca de 53 x 51 cm e uma profundidade de cerca de 18 a 22 cm. Dada a irregularidade morfológica dos tanques, torna-se difícil, naturalmente, obter dimensões exatas. No entanto, os dados obtidos permitem implementar observações comparativas, mesmo que qualitativas, sobre este tipo de recipientes de carácter aparentemente ritual.

Os tanques T5 e T6 (Fig. 9), separados um do outro por 100 cm e afastados do outro conjunto mais a Norte (T1, T3, T4, T5 e T6) em

cerca de 130 cm, apresentam uma configuração mais ou menos oblonga, com cerca de 50 cm de comprimento, 35 cm de largura e uma profundidade média de 25 a 30 cm. Os tanques T5 e T6 apresentam ainda pequenos canais (C6 e C7) para Este, os quais se perdem no interior do muro do Convento de S. Domingos.

No ponto mesial do sítio arqueológico foi ainda possível registar uma pequena escadaria escavada no afloramento granítico, a qual é constituída por quatro degraus com dimensões homogêneas, 27 cm de largura e 23 cm de comprimento e um desnível médio entre eles de cerca de 16 cm.

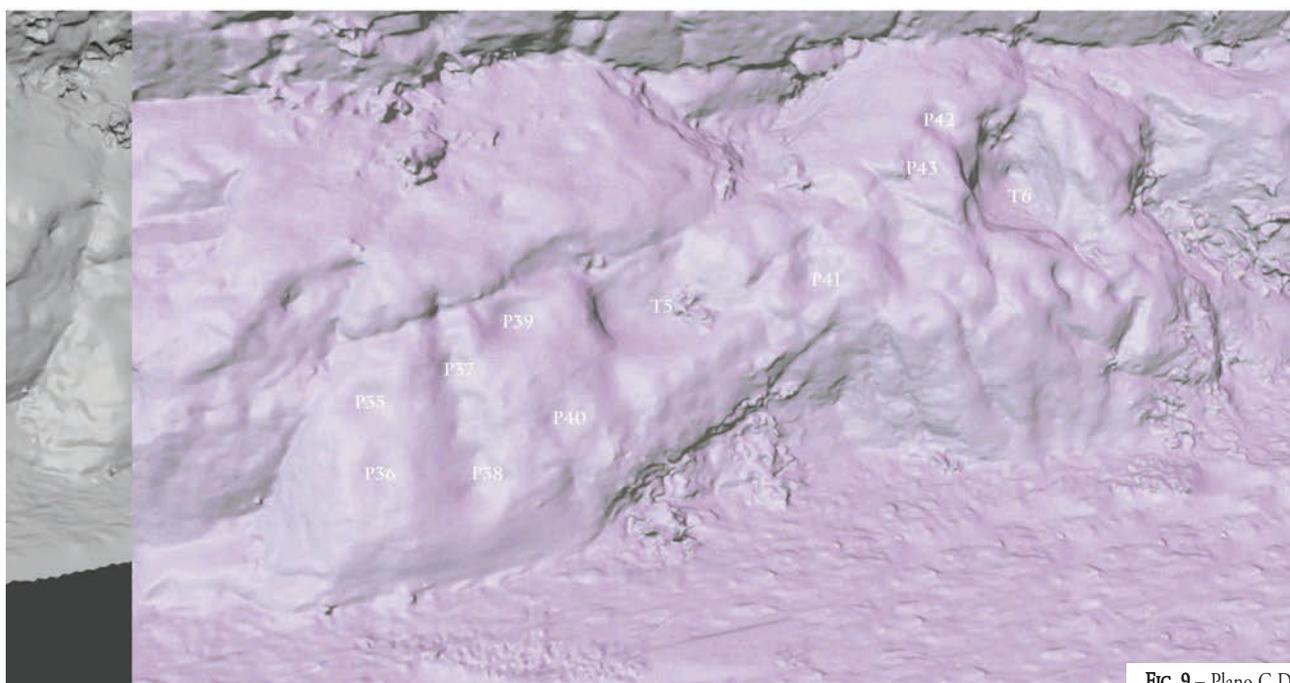
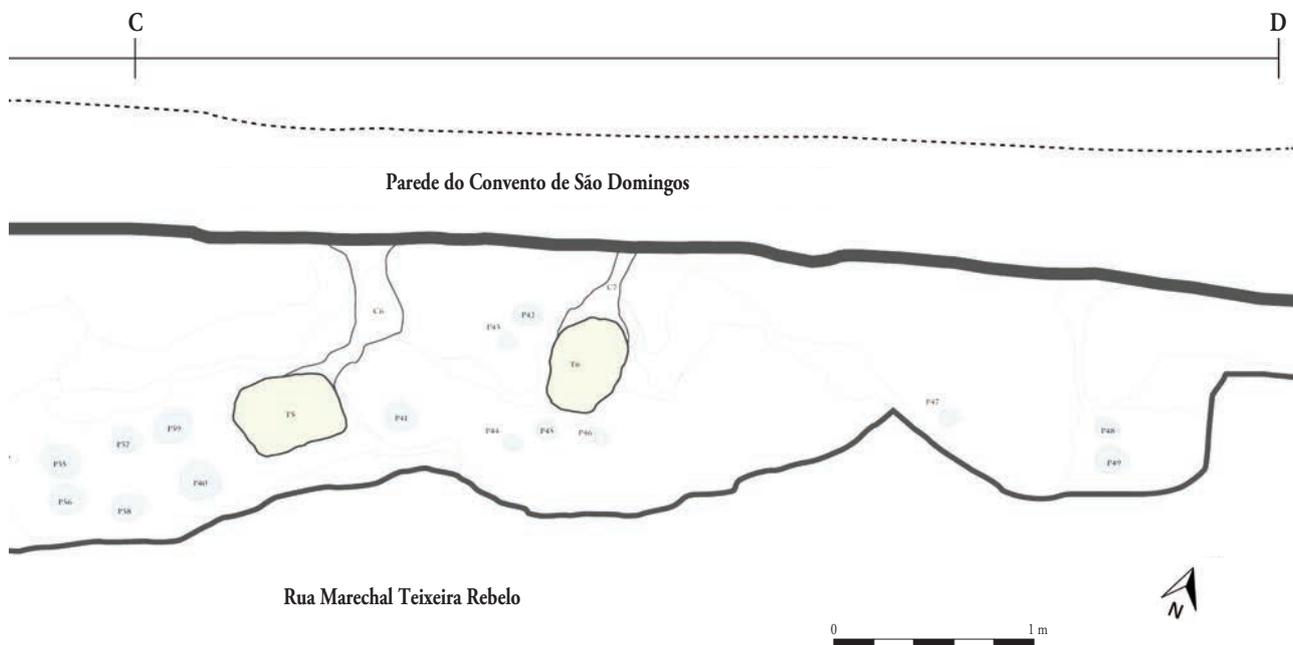


FIG. 9 – Plano C-D.

Esta escadaria é ladeada, a Norte, por um conjunto de cinco covinhas ou estribos com dimensões variáveis (Fig. 10).

No seu conjunto, o sítio arqueológico conhecido como Santuário Rupestre da rua Marechal Teixeira Rebelo, em Vila Real, enquadra-se na tipologia A1 descrita e definida por Maria João Delgado (CORREIA DOS SANTOS, 2015: 1009). Nesta caracterização tipológica, a escadaria escavada na rocha é um elemento diferenciador.

CONCLUSÕES

O estudo preliminar que aqui se apresenta procura, como já referimos, descrever, inventariar, resgatar e digitalizar, através das novas

tecnologias da informação, um sítio arqueológico bastante interessante, ainda que esquecido e desvalorizado pela comunidade.

Apesar dos trabalhos de levantamento arqueológico terem decorrido em duas fases distintas e em calendários bastante apertados, os resultados obtidos ultrapassaram todas as expectativas. Não só pela eficácia dos métodos e técnicas utilizados como, no geral, pela identificação de novos pormenores e elementos arqueológicos.

Na verdade, o estudo e levantamento sistemático do local evidenciou novos dados arqueológicos e arqueográficos que colocam, certamente, o santuário rupestre da rua Marechal Teixeira Rebelo, em Vila Real, numa posição significativamente relevante no panorama das investigações sobre os locais de culto proto-históricos da Península Ibérica.

...37 ▶

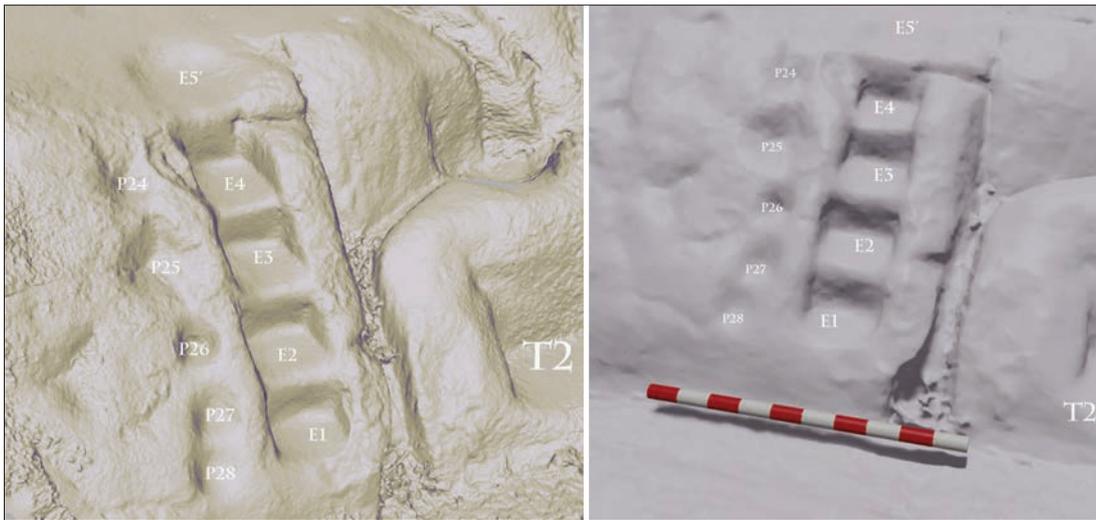


FIG. 10 – À esquerda, modelação da escadaria de acesso ao “altar” (E5') e as covinhas / estribos laterais a norte.

FIG. 11 – Em baixo, representação gráfica (modelação) da fase de enchimento dos tanques T1 e T3.

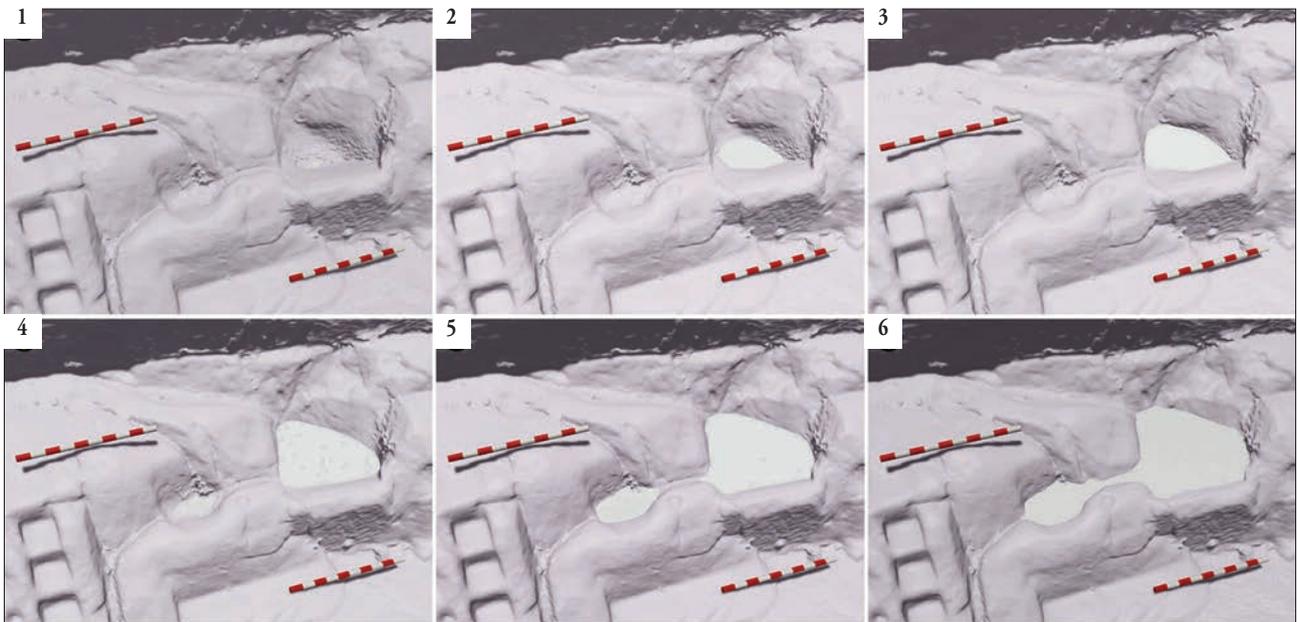
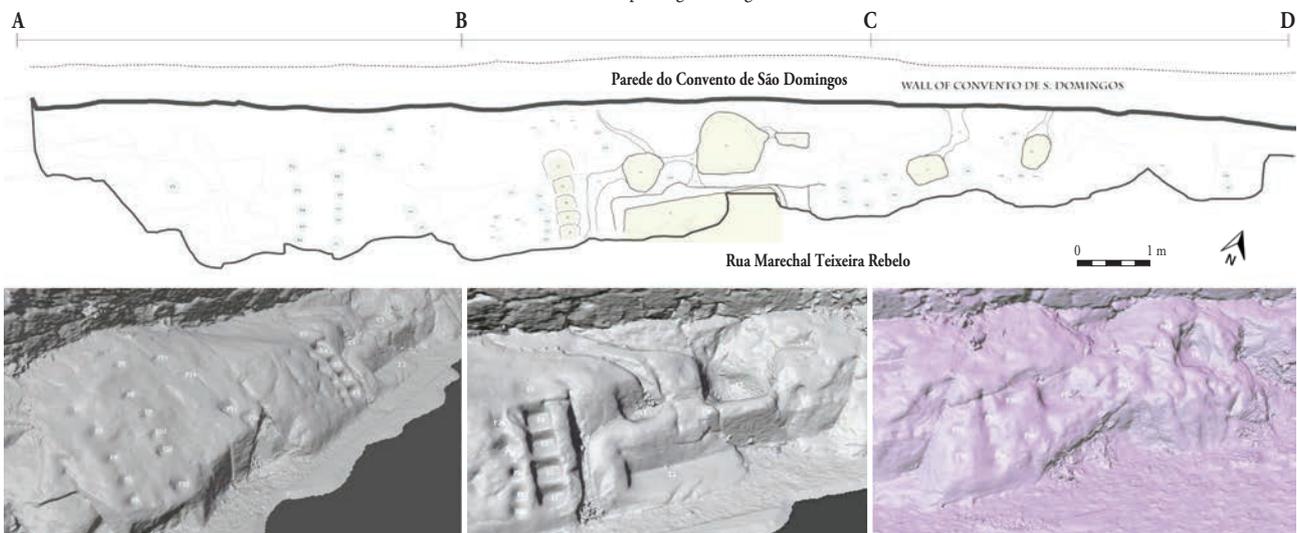


FIG. 12 – Em baixo, plano geral integrado do sítio.



◀ 35... Lamentavelmente, as afetações ocorridas no sítio arqueológico, em primeira instância, pelos trabalhos de construção da via Marechal Teixeira Rebelo, nos inícios do século XX, pela construção do muro do Convento de S. Domingos e pelos trabalhos de requalificação urbana ocorridos no presente ano de 2021, terão condicionado a compreensão do sítio arqueológico na sua componente estratigráfica.

Apesar dos trabalhos realizados, o objetivo é retomar a investigação e registo do sítio arqueológico pois, como já referimos, o local foi seccionado, a Norte, pela construção de uma escadaria, existindo, todavia, um outro troço do santuário por estudar.

Em suma, o santuário rupestre da rua Marechal Teixeira Rebelo é um indício significativo e presente da ocupação pré-romana da área que faz parte do centro histórico de Vila Real. No entanto, o que vemos atualmente é uma parte bastante restrita do sítio. A parte ocidental, hoje destruída pela rua que dá o nome ao sítio arqueológico, complementar-se-ia com a estrutura visível (afloramento) e, a nosso ver, por detrás do muro delimitador do antigo espaço das hortas do Convento de S. Domingos, localiza-se uma outra parte do sítio arqueológico, possivelmente com estratigrafia preservada ou outros elementos escavados e esculpidos que, no essencial, permitiriam melhor compreender o local. 🗿

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1983) – “Cultura Castreja: evolução e problemática”. *Arqueologia*. Porto: GEAP. 8: 70-74.
- ARGOTE, J. C. (1732) – “Da Cidade de Panóias e das Antiguidades e Vestígios que Actualmente Existem Dela”. In ARGOTE, J. C. *Memórias para História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*. Braga. Vol. VII, II, pp. 325-347.
- BENITO DEL REY, Luis e GRANDE DEL RIO, Ramón (1994) – “Nuevos santuarios rupestres prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca”. *Zephyrus: Revista de prehistoria y arqueología*. Salamanca. 47: 113-131. Disponível em <https://bit.ly/3mpNMLm>.
- BENITO DEL REY, Luis; AUGUSTO BERNARDO, Hermínio e SÁNCHEZ RODRIGUEZ, Marciano (2003) – *Santuarios rupestres prehistóricos en Miranda do Douro, Zamora y Salamanca*. Vol. 1 (*Miranda do Douro-Salamanca*). Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- CALADO, Manuel (1996) – “Endovélico e Rocha da Mina: o contexto arqueológico”. *Ophiussa*. Lisboa. 1: 97-108. Disponível em <https://bit.ly/3Fom8Nc>.
- COLMENERO, Antonio Rodríguez (1979) – *Augusto e Hispania: conquista y organización del norte peninsular*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- COLMENERO, Antonio Rodríguez (1993) – *Corpus - catálogo de inscripciones rupestres de época romana del cuadrante noroccidental de la península ibérica (Anejo n. 1 de Larouco)*. Coruña: Edición do Castro.
- CORREIA DOS SANTOS, Maria João Delgado (2015) – *Santuarios rupestres de la Hispania indoeuropea*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza. Disponível em <https://bit.ly/3J9igSk>.
- CUÑARRO, José Manuel Hidalgo (2005) – *Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlântico*. Vigo / Porto / Bruxelas: Eixo Atlântico. Disponível em <https://bit.ly/3mm6GcM>.
- CUNLIFFE, Barry (2018) – *The Ancient Celts*. Oxford: OUP Oxford.
- CUNLIFFE, Barry e KOCH, John T. (eds.) (2012) – *Celtic from the West: Alternative Perspectives from Archaeology, Genetics, Language and Literature*. Oxford: Oxbow Books.
- FABIÃO, Carlos (1993) – “A Romanização do Actual Território Português”. In MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa. Vol. 1, pp. 203-299.
- IBARRA, Jose Ocharan (2015) – “Santuarios rupestres ibéricos de la Región de Murcia”. *Verdolay: Revista del Museo Arqueológico de Murcia*. 14: 103-142.
- IBARRA, Jose Ocharan (2017) – *Santuarios rupestres ibéricos del sureste peninsular*. Tese de Doutoramento. Universidad de Alicante. Vol. 1. Disponível em <https://bit.ly/33jxayl>.
- JIMENEZ, Gonzalo A.; SUBÍAS, Sandra M. e SÁNCHEZ ROMERO, Margarita (2014) – *The Archaeology of Bronze Age Iberia: Argaric Societies*. Oxfordshire: Routledge (*Routledge Studies in Archaeology*).
- LEJEUNE, Michel (1977) – “Une bilingue gauloise-latine à Vercell”. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. 121 (3): 582-610. Disponível em <https://bit.ly/3EeT3Sf>.
- MARTINS, João Baptista (1984) – *Inventário de Sítios com Interesse Arqueológico do Concelho de Chaves*. Chaves.
- MCCULLOUGH, Kimberly (2018) – *Rural Religion at Rock Sanctuaries in Roman Spain: An alternative model*. MA Thesis. Vancouver: University of British Columbia. Disponível em <https://bit.ly/3pgE4ng>.
- MORENO, Eduardo Sánchez (1997) – “Aproximación a la religión de los vetones: dioses, ritos y santuarios”. *Studia Zamorense*. 4: 115-147. Disponível em <https://bit.ly/3ElmYjc>.
- NAVAL, José María Fuixench (2000) – *Santuarios rupestres del alto Aragón*. Madrid: Prames.
- PARENTE, João R. (2018) – *Divindades Autóctones do Distrito de Vila Real*. Vila Real: Edição de Autor.
- PESSOA, Miguel e PONTE, Salette (1987) – “Contributo da Mogueira (Resende) para o Estudo Comparativo dos Santuários Rupestres”. *Lucerna*. 2.ª série. 2: 263-271.
- POSAC MON, Carlos (1952) – “Solosancho (Ávila)”. *Noticiario Arqueológico Hispano*. 1: 63-74.
- PUERTAS, Luis Domingo; REVILLA, J. Gallego e FERNÁNDEZ, Antonio Ciudad (2002) – “Nuevo santuario prerromano hallado en la Meseta sur. Los altares rupestres del Cerro del Castillo (Castillejo del Romeral, Huete, Cuenca): informe preliminar”. In ALONSO AVILA, Angeles e ORTIZ DE ZÁRATE, Santos Crespo (coord.). *Scripta antiqua: in honorem Angel Montenegro Duque et José María Blázquez Martínez*, pp. 231-242.
- QUINTELA, Marco García; ESTÉVEZ, Manuel Santos e ABAD, Rosa Brañas (2008) – *Santuarios de la Galicia céltica: arqueología del paisaje y religiones comparadas en la Edad del Hierro*. Madrid: Abada.
- RIVERO, Israel Barandela; PÉREZ, Ladislao Castro; RODRÍGUEZ, Jose Lorenzo e JANEIRO, Rafael Otero (2005) – “Notas sobre los santuarios rupestres de la Gallaecia”. *Minus: Revista do Departamento de Historia, Arte e Xeografía*. 13: 47-68. Disponível em <https://bit.ly/32wrkQA>.
- RODRÍGUEZ, Teresa Moneo (2003) – *Religio iberica: Santuarios, ritos y divinidades (siglos V-I a.C.)*. Madrid: Real Academia de la Historia (*Bibliotheca Archaeologica Hispana*, 20).
- RUSSEL CORTEZ, Fernando (1947) – *Panóias, Cidade dos Lapiteas: subsídios para o estudo dos cultos orientais e da vida provincial romana na região do Douro*. Porto: Instituto do Vinho do Porto.
- SILVA, Armando Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins / Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- SILVA, Armando Ferreira da (2007) – *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- TORREIRA, Lourdes Prados (1994) – “Los santuarios ibéricos. Apuntes para el desarrollo de una Arqueología del Culto”. *Trabajos de Prehistoria*. 51 (1): 127-140. Disponível em <https://bit.ly/3yPx5Vj>.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1897) – “Estudos sobre Panoias”. *Archeologo Português*. 1.ª Série. 3 (1-2). Disponível em <https://bit.ly/3qc56vc>.
- ZAPATERO, Gonzalo Ruiz e SANCHÍS, Jesús Álvarez (1999) – “Ulaca: la Pompeya Vettona”. *Revista de Arqueología*. Madrid. 216: 36-47.

[todas as ligações à internet apresentadas estavam ativas em 2021-12-12]